



Por Paulo de Campos

A trajetória de Vitor Ramil

Na Feira do Livro de 2009 entrevistei Vitor Ramil, aqui em Osório. Amigo de longa data, assim como seus irmãos K&K, comecei a apresentá-lo dizendo que quanto ele tinha doze anos o Kleiton foi a Pelotas na volta me contava que: “ – O Vitinho se escora na geladeira e tá tocando muito bem violão, além de já estar compondo algumas coisas muito interessantes também”. Era o prenúncio de uma grande carreira que surge a partir dos anos oitenta quando junto com o meu Grupo Cordas & Rimas, Vitor participou do Festival da Guarita da Canção de Torres tocando músicas do Fogaça. Ali ele foi descoberto por empresários das grandes gravadoras e levado a seguir para o Rio de Janeiro. Eis um pouco de sua trajetória.



Compositor, cantor e escritor, o gaúcho Vitor Ramil começou sua carreira artística no começo dos anos 80. Gravou seu primeiro disco Estrela, Estrela, com a presença de músicos e arranjadores como Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Luis Avellar, além de participações das cantoras Zizi Possi e Tetê Espíndola.

A paixão de V segundo ele próprio. Com um elenco enorme de importantes músicos brasileiros, este disco experimental e polêmico, produzido por Kleiton e Kledir, seus irmãos, proporcionou ao público uma espécie de antevisão dos muitos caminhos que a inquietude levaria Vitor Ramil a percorrer futuramente. Eram vinte e duas canções cuja sonoridade ia da música medieval ao carnaval de rua, de orquestras completas a instrumentos de brinquedo, da eletrônica ao violão milongueiro. As letras misturavam regionalismo, poesia provençal, surrealismo e piadas. Deste disco a grande intérprete argentina Mercedes Sosa gravou a milonga Semeadura.

Depois, Vitor lançou Tango. Diferentemente do disco anterior, este era o resultado do trabalho de um grupo pequeno de músicos a partir de um repertório também reduzido. Em oito canções o furor experimental e lúdico de antes cedeu lugar a letras densas e elaboradas de can-

ções que viraram sucessos. O letrista se afirmava e o compositor tornava-se mais sutil, proporcionando aos músicos e grandes improvisadores como Nico Assumpção, Hélio Delmiro, Márcio Montarroyos, Leo Gandelman ou Carlos Bala performances marcantes.

Na passagem dos anos 80 para os 90 Vitor afastou-se dos estúdios e passou a dedicar-se ao palco, pois quase não fizera shows até então. Foi quando nasceu o personagem Barão de Satolep, um nobre pelotense pálido e corcunda, alter-ego do artista. Dividindo alguns espetáculos com esta figura ao mesmo tempo divertida e mal-humorada, mesclando música, poesia, humor e teatro.

Neste período não só definiu-se a música e postura do Vitor Ramil dos discos que viriam a ser gravados na segunda metade dos anos 90 como apresentou-se o Vitor Ramil escritor, através da novela Pequod, ficção criada a partir de passagens da infância do autor, de sua relação com o pai, de suas andanças pelo extremo sul do Brasil e pelo Uruguai. A partir do lançamento deste primeiro livro, em 1995, de grande repercussão junto à crítica e recentemente lançado na França, o artista passou a ocupar-se duplamente: música e literatura.

Mas mais do que pela escritura de Pequod os anos 90 ficaram marcados para Vitor Ramil como os anos em que começou a refletir sobre sua identidade de sulista e sua própria criação através do que chamou de A estética do frio. A busca dessa “estética do frio” deu-lhe a convicção de que o Rio Grande do Sul não estava à margem do centro do Brasil, mas sim no centro de uma outra história.

Neste momento, significativamente, ele deixava o Rio de Janeiro para voltar a viver no Sul. Simultaneamente a Pequod



aconteceu a gravação do cd À Beça. Tendo saído apenas como edição especial, em tiragem limitada.

Em Ramilonga – A Estética do Frio Vitor inaugura as sete cidades da milonga (ritmo comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina): Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Pureza, Leveza e Melancolia. Através delas a poesia de onze “ramilongas” percorre o imaginário regional gaúcho mesclando o linguajar gauchesco do homem do campo à fala coloquial dos centros urbanos.

Tambong, seu trabalho seguinte, foi gravado em Buenos Aires, sob a produção de Pedro Aznar. Temas cujos arranjos fazem deste um dos trabalhos mais originais da moderna música brasileira. Tambong saiu em duas versões, português e espanhol.

No ano de 2002, com sua banda brasileiro-argentina (Santiago Vazquez, percussão; píccolo bass e sitar; Roger Scarton, harmônio e guitarra) levou Tambong em turnê pelas principais capitais do Brasil.

Em 2003 Vitor apresentou seu primeiro show solo em Montevidéu, Uruguai, com o compositor e intérprete uruguaio Jorge Drexler,

hoje seu parceiro.

Ainda em 2003 apresentou-se com sua banda na Suíça, nas cidades de Genebra, Zurique e Schaffhouse. Em Genebra, no Teatro St. Gervais, Vitor deu uma conferência, tendo como tema “A estética do frio”. Em Paris, no mesmo período, participou do evento de lançamento da tradução para o francês de seu livro Pequod, pela editora L’Harmattan.

Além de seu livro Pequod, suas canções vem sendo distribuídas na Europa em coletâneas inglesas, espanholas e portuguesas.

Longes, seu sexto álbum, também gravado em Buenos Aires e produzido por Pedro Aznar. Neste trabalho Vitor Ramil aprofunda e aperfeiçoa a linguagem que começou a elaborar nos trabalhos anteriores, Ramilonga e Tambong. Longes pode ser definido como uma síntese dessas qualidades, por mais paradoxal que isso pareça, e um avanço a partir delas.

A apresentação gráfica de Longes traz fotografias feitas por Vitor e sua mulher Ana Ruth em vários países, além de fragmentos de Satolep, romance que Vitor escreveu simultaneamente à criação das canções do disco. Fonte: Wikipedia

Shirley Cabeleireira

No quesito beleza os cabelos vem em primeiro lugar.
 Valorize também os seus. Acompanhando as tendências da moda. Seja no corte, na coloração, química e etc...
 Deixe seus cabelos com a cara da estação e com o profissionalismo do Salão de Beleza Shirley.



Av. Getúlio Vargas, 831 (ao lado da Loja Clic Veículos)
 Fones: (51) 3663 7854 / (51) 99925181